



ENTRE MUNDOS E PRECARIIDADES: FAZENDO ANTHROPOLOGIA COM MICRÓBIOS

Hitalo Ricardo Alves Pereira

Mestre em Antropologia Cultural pela Universidade de Miskolc
<https://orcid.org/0000-0003-3399-928X>
E-mail: hitalow@gmail.com

REVZAB
● ● ● ● ● ●



RESUMO

Neste trabalho reflito sobre minha vida na antropologia entre 2020 e 2024. Mais precisamente, com uma abordagem autoetnográfica, teço comentários que evidenciam parte do meu processo de tornar-se antropólogo em contextos precários. Faço isso a partir de uma discussão multiespécie, em específico utilizando o que tem sido chamada de “antropologia dos/com micróbios”, ao pensar em relações humano-micróbio as quais encontrei-me envolvido durante o recorte temporal aqui abordado. Para tanto, volto aos registros da minha passagem pelo mestrado em Antropologia na UFPI em Teresina, Brasil, em 2020, junto à minha decisão em cancelar a matrícula em tal programa de pós-graduação — momento em que passávamos pelo surto da pandemia do SARS-CoV-2. E em notas da minha ida a Hungria, em 2022, para cursar mestrado em Antropologia em Miskolc, até 2024 — período em que passei por uma severa disbiose intestinal; e no qual tive como foco de pesquisa a produção de vinhos de Tokaj, Hungria, a partir de relações entre humanos e o fungo *Botrytis Cinerea*. Ambos momentos, ainda que em contextos diferentes, me direcionam para a afirmação de que “disrupções sociais podem causar perturbações microbianas e perturbações microbianas causam disrupções sociais” (Benezra, 2023:14, tradução minha). Com isso, argumento por uma “antropologia como educação” (Ingold, 2016) que nos possibilite refletir sobre mundos outros-que-humanos — aqui vistos em relações humano-micróbio — envoltos na constituição de precariedades, no caso deste artigo, especificamente em processos de formação de antropólogos, como o meu.

Palavras-Chave: Antropologia; Micróbios; Autoetnografia; Precariedades; Educação.

ABSTRACT

In this paper, I reflect on my life in anthropology between 2020 and 2024. More precisely, using an autoethnographic approach, I offer comments highlighting part of my process of becoming an anthropologist in precarious contexts. I do so by engaging in a multispecies discussion, specifically using what has been called an "anthropology of/with microbes," as I consider human-microbe relations in which I found myself involved during the time framework addressed here. To this end, I revisit records from my time in the Master's program in Anthropology at UFPI in Teresina, Brazil, in 2020, along with my decision to withdraw from this postgraduate program — a moment when we were experiencing the outbreak of the SARS-CoV-2 pandemic. I also refer to notes from my time in Hungary, in 2022, where I pursued a Master's degree in Anthropology in Miskolc, until 2024 — a period during which I went through a severe intestinal dysbiosis; and had my research focused on the production of Tokaj wines in Hungary, exploring human relations with the fungus *Botrytis Cinerea*. Though in different contexts, both moments led me to affirm that "social disruptions can cause microbial perturbations, and microbial perturbations cause social disruptions" (Benezra, 2023: 14, my translation). Therefore, I argue for an "anthropology as education" (Ingold, 2016) that enables us to reflect on more-than-human worlds — here seen in human-microbe relations — entangled in the constitution of precarities, in this case, specifically in processes of becoming anthropologists, like my own.

Keywords: Anthropology; Microbes; Autoethnography; Precarity; Education.

RESUMEN

En este trabajo reflexiono sobre mi vida en antropología entre 2020 y 2024. Más precisamente, con un enfoque autoetnográfico, tejo comentarios que evidencian parte de mi proceso de convertirse en antropólogo en contextos precarios. Lo hago a partir de una discusión multiespecie, en concreto utilizando lo que ha sido llamado "antropología de los/ con microbios", al pensar en relaciones humano-microbio las cuales me encontré involucrado durante el recorte temporal aquí abordado. Para ello, vuelvo a los registros de mi paso por el máster en Antropología en la UFPI en Teresina, Brasil, en 2020, junto con mi decisión de cancelar la matrícula en dicho programa de postgrado - momento en que pasábamos por el brote de la pandemia del SARS-CoV-2. En notas de mi viaje a Hungría, en 2022, para cursar un máster en Antropología en Miskolc, hasta 2024 - período en el que pasé por una severa disbiosis intestinal; y en el cual tuve como foco de investigación la producción de vinos de Tokaj, Hungría, a partir de relaciones entre humanos y el hongo *Botrytis Cinerea*. Ambos momentos, aunque en contextos diferentes, me llevan a la afirmación de que "las perturbaciones sociales pueden causar trastornos microbianos y las perturbaciones microbianas causan trastornos sociales" (Benezra, 2023:14, mi traducción). Con esto, argumento para una "antropología como educación" (Ingold, 2016) que nos permita reflexionar sobre mundos otros-que-humanos - aquí vistos en relaciones humano-microbio - envueltos en la constitución de precariedades, en el caso de este artículo, Específicamente en procesos de formación de antropólogos, como el mío.

31 Palabras Clave: Antropología; Microbios; Autoetnografía; Precariedades; Educación.



Introdução

Apesar de estar em contato com a antropologia há quase uma década, e possuir diploma de graduação como cientista social e de mestrado como antropóloga, tenho muitas fragilidades relacionadas a minha carreira acadêmica. Especialmente no que tange a pesquisa etnográfica, minha formação e habilidades, mesmo que existentes, são bastante precárias por serem compostas por outras precariedades. Ainda assim, ao decorrer dos anos — influenciado tanto pelas vivências em torno de debates sobre educação, especialmente por conta de ter cursado licenciatura, e pelas possibilidades “teórico-etnográficas” (Peirano, 2014) proporcionadas pela antropologia — tenho tentado exercitar certa atenção sobre minha condição enquanto alguém que se encontra no processo de tornar-se antropóloga.

Neste artigo, portanto, exponho sobre como experiências, vividas entre 2020 e 2024, me aproximaram de reflexões a respeito do meu processo formativo na antropologia. Em específico, falo sobre a influência de relações humano-micróbio presentes na constituição de tais experiências e precariedades. Meu interesse em estudar relações humano-micróbio surge em 2020, com o choque da pandemia do SARS-CoV-2, vírus da família coronavírus que causa a doença chamada de COVID-19.

Foi durante minha entrada para o mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Piauí em 2020 que, vendo e sentindo as drásticas mudanças causadas ou possibilitadas pela/na pandemia, comecei a me engajar em estudos multiespécie e no que tem sido chamada de “antropologia dos/com micróbios”. Ao entrar em contato com tal bibliografia passei a notar como micróbios, tão incompreensíveis, imprevisíveis e invisíveis, faziam parte de tudo que me compunha.

Passando pela infecção da COVID-19 e suas decorrentes e inúmeras medidas sanitárias de eliminar micróbios de alimentos, superfícies e corpos; mas também pelo boom de fermentar vegetais e frutas, além de criar fermentos com farinha e água, pude perceber como aquilo que nem sempre me era corporalmente visível também me transformou e transforma. Transforma em muitos sentidos, inclusive no que diz respeito ao meu percurso na antropologia.

Muitas das perturbações microbianas presentes na pandemia da COVID-19, mas também posteriormente durante a temporada que passei cursando mestrado em antropologia na Hungria, me apontaram para disrupções sociais, culturais e institucionais que influenciaram diretamente minha formação acadêmica na disciplina. Entre elas estão: o formato de aulas online durante minha passagem pelo mestrado na UFPI, as drásticas mudanças no meu projeto de pesquisa, as consequências da infecção pelo vírus, e do novo formato de estudo, no meu corpo — falta de concentração, indisposição, crises de ansiedade e problemas na coluna — e estar passando por isso durante o governo de Jair Bolsonaro. Em seguida, o desenvolvimento de uma disbiose intestinal, contraída na Hungria, e as dificuldades em tratá-la; assim como a possibilidade de me engajar numa pesquisa que teve como ponto central as contingências de emaranhados entre humanos e o fungo *Botrytis Cinerea* na produção de vinho de Tokaj¹.

Neste sentindo, o que intento dizer com “pensar relações humano-micróbio envoltas na constituição de precariedades”, refere-se ao modo como estruturas de poder modificam tais relações a partir de diferentes ações políticas (The Kilpisjärvi Collective, 2021). Tais ações afetam desigualmente a realidade de pessoas, na medida em que, muitas vezes,

desconsideram fatores como raça, gênero, classe e outras intersecções. Assim, o que pretendo com este trabalho é pontuar como os meus envolvimento em relações humano-micróbio, por serem atravessados por alguns marcadores sociais, especialmente de classe e suas precariedades, se situam diante de meus processos de aprendizado na formação em antropologia.

Para tanto, farei breves comentários sobre a importância da autoetnografia para reflexões sobre processos formativos em antropologia. Em seguida, apresento discussões em torno de uma “antropologia dos/com micróbios”. Depois retorno com registros da minha passagem pelo mestrado em Antropologia na UFPI, entre 2020 e 2021; e da temporada que passei na Hungria, entre 2022 e 2024 — explorando as contingências de tais percursos em dois mestrados em Antropologia, nos quais me vi diretamente ligado a micróbios. Finalizo com discussões que interligam precariedades, micróbios e antropologia a partir de direcionamentos que consideram a formação antropológica como uma “prática de educação” (Ingold, 2016).

Autoetnografia ou observar-participando: em correspondência com si e com outros

Tudo que não tem nome, não é retratado em imagens, tudo que é omitido da biografia, censurado de coleções de cartas, tudo o que é erroneamente denominado como outra coisa, tornado difícil de encontrar, tudo que está enterrado na memória pelo colapso do significado sob uma linguagem inadequada ou mentirosa — isso tornará-se, não apenas não dito, mas indizível. Adrienne Rich, 1976: 159, *tradução minha*.

33

Percebendo esse direcionamento de atenção para minhas próprias práticas, pensamentos e relações com outros, a tentativa de circunscrição de algumas vivências — permeadas por relações humano-micróbio — surge como possibilidade de averiguar como minhas experiências e autopercepções de tais situações interferem nos meus modos de estudar antropologia; e de pensar a formação acadêmica e seu formato institucional, situados em meio a precariedades.

Dentro deste processo de investigação, a autoetnografia aparece como uma possibilidade de considerar, epistemológica e metodologicamente, os meus engajamentos durante esse período de formação em antropologia. Além disso, me permite refletir sobre a forma como precariedades têm influenciado meu entendimento acerca de questões que constituem algumas das minhas formas de agir, pensar, aprender, e conviver com outros, e que são, por vezes, contingentes e emergentes dessas relações mais-que-humanas.

Teoricamente, a autoetnografia surge como um processo que almeja tornar a pesquisa antropológica uma prática que converta a memória e experiência de quem pesquisa em algo significativo, agregando diferentes partes do “eu” — sejam elas emocionais, espirituais, morais e intelectuais — dentro de encontros com outros, estes sendo afetados por fragmentações, incoerências e complexidades (Bochner, 2016). Assim, a reflexão dessas experiências de quem pesquisa passa também a servir como suporte para investigações referentes a problemas sociais e culturais mais gerais (Gama, 2020).

Neste sentido, tomo como direcionamentos para a constituição deste artigo o que Lean Anderson e Bonnie Glass-Coffin (2016) expõem sobre modos de investigação autoetnográfica. De acordo com os autores, é preciso ter cautela ao realizar abordagens deste tipo porque é comum que haja uma falta de inteligibilidade metodológica a respeito da



autoetnografia.

Isso acontece, tanto pelo fato de que, por ser uma forma de investigação às vezes muito aberta – em que pesquisadores frequentemente utilizam materiais variados e, assim, são considerados *bricoleurs* –, pode-se cometer o erro de perder-se na coleta de dados usada para a constituição deste tipo de pesquisa. Quanto pelo distanciamento de uma ciência social tradicional – em que, nos trabalhos dentro destes conformes, geralmente cria-se uma extensa sessão sobre os métodos ali utilizados –, a partir de formatos com diretrizes menos explícitas e mais experimentais, fazendo com que muitos departamentos e professores não considerem o trabalho como parte de uma ciência social rigorosa. Ao evidenciar isso, a investigação autoetnográfica ampara-se menos em coleta de dados e mais em questões estéticas, éticas, políticas e em sensibilidades relacionais que são englobadas por este tipo de análise. Por conta disso, cadernos de campo, documentos pessoais e entrevistas são usados de formas mais experimentais (Anderson; Glass-Coffin, 2016).

Contudo, existem cinco características que conseguem circunscrever questões bases para uma investigação de caráter autoetnográfico e é a partir de tais que me direciono para a feitura deste trabalho. A primeira (1) é a “visibilidade do eu”, em que o “eu” é ator e agente, aquele que está agindo e reagindo às implicações da pesquisa. A segunda (2) é a presença de uma “forte reflexividade”, de forma que haja reconhecimento de uma influência recíproca entre quem pesquisa (e é pesquisado), outros participantes e as configurações daquele contexto – o que torna um processo profundo e autoconsciente de conhecimento compartilhado. Como terceira (3) característica, o “engajamento” pessoal surge como um meio para refletir sobre como uma compreensão mais profunda, do eu e do outro, é alcançada e comunicada. A quarta (4) é um tipo de “vulnerabilidade”, que aparece nos trabalhos por estes comumente serem frutos de histórias evocativas, emocionais e delicadas; E, por fim (5), as pesquisas autoetnográficas costumam apresentar um caráter de “abertura/rejeição de finalidade e fechamento” justamente por considerarem esse aspecto fluido, relacional e processual das identidades e relações sociais, dentro de momentos que são situados porém não estáticos (Anderson; Glass-Coffin, 2016).

Outrossim, inspiro-me em Ingold (2016) e suas discussões acerca de pormenores da antropologia como educação, pensando que este trabalho — no qual quem pesquisa também é “pesquisado” — tenha seus modos de investigação antropológica baseados na “observação participante”. Isso levando em conta que “visibilidade do eu”, “forte reflexividade”, “engajamento”, “vulnerabilidade” e “abertura/rejeição de finalidade e fechamento” também sejam características presentes em olhar o entorno, ouvir e sentir, a partir de participações, com pessoas e outros-que-humanos, seguindo o curso da vida. Como exposição, a educação e, conseqüentemente, a observação participante, estão sempre a caminho. E estar a caminho é corresponder-se com outros de forma intencional, num rumo que rejeita a finalidade porque não tem fim preestabelecido (Ingold, 2016).

Mas como nos correspondemos com aquilo que muitas vezes não se faz visto? Pensar meu percurso na antropologia, a partir de relações-micróbio e contextos precários, tem sido também atentar-me a outros sinais, aproximações e mundos. Aqui, retomo estes percursos utilizando-me de registros fotográficos, notas médicas, escritos de diário de campo e algumas reflexões.

Antropologia dos/com Micróbios

Antes, vale discorrer um pouco sobre o que seria uma antropologia dos/com micróbios. Micróbios são organismos dentre os quais estão: bactérias, arqueas, protistas, fungos, parasitas e vírus. Micróbios fazem parte da vida ou, como dizem Lynn Margulis e Dorion Sagan (2000), são vida. Contudo, comumente organismos são vistos como patógenos que precisam ser controlados (The Kilpisjärvi Collective, 2021). Assim, a multiplicidade microbial que compõe o planeta acaba sendo algo que também se sustenta em tabus e concepções generalizantes que deslegitimam e mascaram um leque de possibilidades e descobertas presentes no que concerne mundos compostos com organismos e relações mais-que-humanas (Pollan, 2014; Myles, 2020).

A pandemia do Covid-19 pode ser vista como um exemplo disso. Além de ter esgarçado o que debates iniciais sobre o Antropoceno anteciparam — a respeito das consequências do que tem sido chamada (e muitas vezes contestada) de nova era geológica, na qual os impactos das ações humanas no planeta surgem como força motriz para ondas de calor intensas, crises hídricas, sanitárias, alimentícias e sócio político-constitutivas ou: “todos os eventos fantasmagóricos marcados por desaparecimento ou proliferação sinistra; [e] todos os eventos que ultrapassam as fronteiras entre vida e morte” (Bubandt, 2018: 5) —, também influenciou a criação de infraestruturas, nacionais e internacionais que, preparadas para prevenir a propagação do vírus SARS-CoV-2, geraram casos de má informação e uma espécie de guerra contra micróbios.

Abalando vidas, a pandemia também abalou noções de natureza, cultura, humano, indivíduo, propriedade e ciência; ainda que sejam abalos parciais e localizados. Parciais e localizados porque, apesar de a guerra contra micróbios continuar sendo referência no mapa-múndi de cuidados com a saúde — e isso possuir fortes ressonâncias nas políticas e práticas governamentais, públicas, privadas, coletivas e individuais, vistas em formas de prevenção de epidemias, higiene e segurança alimentar (Pollan 2014; Myles, 2020; The Kilpisjärvi Collective, 2021) —, existem outras práticas e relações humano-micróbio que extrapolam noções higienistas.

É dentro desse leque de possibilidades biossociais que surge uma “antropologia dos/com micróbios”. Sendo um campo que data muito antes de estudos decorrentes da pandemia do Covid-19, esta subárea está bastante conectada com preocupações vindas da microbiologia. Neste sentido, o trabalho da bióloga Lynn Margulis aparece como fundamental devido as suas investigações sobre a importância de micróbios tanto em processos metabólicos e regulatórios da biosfera quanto no que concerne a evolução de organismos vivos (Brives; Zimmer, 2021: 2).

Além disso, é também em conexão com uma “virada microbiana” na biologia que a antropologia se interessa por este olhar que, como mencionam Heather Paxson e Stefan Helmreich (2014: 166, *tradução minha*),

marca o advento de um novo modelo ascendente de “natureza”, repleto de operações organísmicas que se desenrolam em escalas abaixo da percepção humana cotidiana, simultaneamente independentes de, emaranhadas com, possibilitadoras de, e, às vezes, desfeitas da identidade e comunidade biológica humana, animal, vegetal e fúngica (ver Macfall-Ngai *et al.*, 2013).

Assim, essa área da antropologia passa a considerar micróbios e seus movimentos em questões sociais, culturais, políticas e científicas, na medida em que se mostram “bons para se



pensar e trabalhar *com* (...), [a ponto de] micróbios terem se tornado tokens de possibilidades” (Paxson; Helmreich, 2014: 168).

Um exemplo disso pode ser visto no trabalho de Bruno Latour, outro autor importante para a consolidação deste campo, desde seu estudo — *The pasteurization of France* (1988 [1984]) — sobre as contingências do trabalho de Louis Pasteur². O antropólogo desenvolve o termo “Pasteurismo” para falar de um movimento francês, criado no século XIX, para controlar micróbios a partir de mecanismos regulatórios de higienização e eliminação — algo parecido com a função da pasteurização, método de Pasteur, que visa eliminar microrganismos por meio de tratamentos térmicos. No livro, o autor demonstra como esse movimento, até então endereçado a Pasteur, é na verdade construído por uma rede de agentes: políticos, cientistas, fazendeiros, governadores, etc. Algo que, como o conhecimento científico e suas formas de disseminação, afeta diretamente a sociedade.

Em contraste a “abordagens antibióticas à vida” (Lorimer, 2020), como vistas a partir de “práticas Pasteurianas” (Paxson, 2008), contingentes da teoria dos germes de Pasteur — na qual micróbios são vistos como inimigos da saúde humana e animal —, a antropóloga Heather Paxson (2008) apresenta, por meio de sua etnografia sobre a produção de queijos feitos a partir de leite-cru (não pasteurizado), o que a mesma chama de práticas “pós-Pasteurianas”. Tais práticas apontam para a vida com micróbios, mostrando formas de resistência — social, política e econômica — antibiótica, por meio de colaborações entre humanos e vidas microbianas.

Ainda em sua pesquisa, Paxson (2008) inspira-se no conceito de biopolítica de Michel Foucault — no qual pessoas são sujeitas a normalização de corpos, prazeres e regulações pela produção, circulação e promulgação de governanças de poder (Lawlor; Nale, 2014) — para desenvolver o conceito de *microbiopolítica*, visto na “criação de categorias de agentes biológicos microscópicos; na avaliação antropocêntrica de tais agentes; e na elaboração de comportamentos humanos em relação a microrganismos que estão envolvidos em infecção, inoculação e digestão” (Paxson, 2008: 17, *tradução minha*).

O que tal conceito e abordagem mostram é um ascendente foco antropológico que considera micróbios como parte de dinâmicas — sociais, culturais, econômicas e ambientais, em escalas micro e macro — relacionais, nas quais se configuram diferentes relações de poder (The Kilpisjärvi Collective, 2021). E que considera, também, “a formação recíproca de ambientes, [entre] humanos e micróbios, e o entrelaçamento de relações que combinam inextricavelmente dimensões sociais e biológicas” (Brives; Zimmer, 2021: 9, *tradução minha*).

É com algumas dessas configurações que surge o termo “antropologia dos micróbios” — cunhado pelos antropólogos Amber Benezra e Joseph DeStefano, junto do microbiologista Jeffrey I. Gordon — num artigo publicado em 2012 com o mesmo nome. Para os autores, a antropologia dos micróbios se configura na “negociação de distintos e, por vezes divergentes, métodos, vocabulários e categorias conceituais que existem entre a antropologia e a ecologia microbiana humana” (Benezra et al., 2012: 6378, *tradução minha*).

Em conexão com os avanços da microbiologia e o desenvolvimento de métodos metagenômicos, desde as primeiras duas décadas do século XXI, — nos quais utiliza-se de “abordagens computadorizadas para buscar a composição de comunidades microbianas pela definição de sequenciamento de DNA (...) e que permitiram o reconhecimento de milhares

de genes microbianos que compõe o que se chama de nosso ‘microbioma’” (Benezra *et al.*, 2012: 6378 *tradução minha*) —, a antropologia dos micróbios têm buscado desenvolver análises que questionam categorias estáticas sobre “humano”, “identidade” “organismo” e dicotomias entre “natureza e cultura” e “biológico e social”.

Esta subárea, portanto, ao inspirar-se em vários outros campos da disciplina — antropologia da saúde, antropologia da ciência e tecnologia, estudos de parentesco, antropologia da alimentação e antropologia feminista — argumenta por abordagens e colaborações interdisciplinares que busquem investigar tais relações entre biologia e práticas sociais para tentar fornecer mais informações sobre como fatores sociais, dietéticos e político-sociais formam microbiomas humanos (Benezra *et al.*, 2012).

Tenho mencionado “antropologia dos/com micróbios” porque além dessa antropologia “dos micróbios” (Benezra, *et al.*, 2012; Hendy *et al.*, 2021) — principalmente voltada para debates a respeito de saúde global e interseções com questões econômicas, de classe, raça e gênero, que investigam a formação de microbiomas humanos, como na flora intestinal, e colabora diretamente com as tecnologias da microbiologia — há também uma antropologia “com micróbios” (Brives *et al.*, 2021) que, apesar de similar, explora diferentes níveis de envolvimento humano com microrganismos, em diferentes ambientes e instâncias.

Como exemplo dessa antropologia com micróbios posso citar o trabalho de Aaron Bradshaw (2022) com sua pesquisa sobre colaborações entre humanos e micróbios “comedores de plástico”, na qual o autor mostra considerações acerca de compromissos ambientais e relações de cuidado a partir de mediações microbianas entre humanos e outros-que-humanos. Ou o trabalho de Juan Francisco Salazar (2017), *microbial geographies at the extremes of life*, no qual o autor explica que até na Antártida e no espaço sideral tem-se adotado microbiopolíticas — a partir de investigações sobre vida microbial nestes espaços — que agem como “poderosas tecnologias culturais de produção espacial” (Salazar, 2017: 402, *tradução minha*) e que servem como estratégias para o futuro.

Tendo feito tal percurso, meu intuito nesta seção não é de fazer uma extensa historiografia do que seria uma “antropologia dos/com micróbios”, mas sim de mostrar algumas de suas principais características e possibilidades. Com um campo vasto, e em ascensão, essa subárea se desenvolve ao lado de praticamente tudo que a antropologia tem como fonte de estudo, já que micróbios estão em tudo. Assim, as aproximações que faço entre relações humano-micróbio e meus percursos formativos na antropologia se juntam a este leque de possibilidades — ainda que tais esforços não avancem tanto em práticas colaborativas com outras disciplinas/pesquisadores e nem se detenham em métodos e abordagens da microbiologia.

Entendo que conexões com a microbiologia sejam de extrema importância para estudos com/dos micróbios, inclusive na antropologia, afinal como menciona o grupo de antropólogos que compõem o The Kilpisjärvi Collective (2021: 24, *tradução minha*): “estaríamos falando de ‘micróbios’, mesmo em termos relacionais, se não fosse pela constante mudança das técnicas microbiológicas de tornar visível, entender, isolar e quantificar?”. Contudo, levando em conta que essa “virada microbiana” parece estar concentrada em países do Norte Global — tanto com práticas de fermentação e movimentos probióticos, quanto pelo desenvolvimento científico e suas tecnologias em torno disso — (Brives; Zimmer, 2021; Lorimer, 2017), considero a feitura deste esforço, ainda que marginal, algo importante para a disseminação deste campo de estudo. Afinal, micróbios podem ser vistos, sentidos e ouvidos



de outras formas que não por meio de tecnologias microscópicas. E a própria antropologia tem nos mostrado que um mundo pode ser composto de muitos mundos (Blaser; de la Cadena, 2018).

Fazendo mestrado em antropologia durante a pandemia do SARS-CoV-2 - 2020-2021

O semestre acadêmico recomeçou, mas toda a animação e vontade de explorar essa nova etapa da vida – a pós-graduação – parecia não mais existir. Inicialmente, minha interação com os textos antropológicos e participação nas aulas era ínfima. Sem concentração, muitas vezes li os materiais de base para os encontros nas madrugadas que antecediam as aulas, de forma corrida e sem muita atenção. E isso parecia algo comum entre os outros colegas de turma. Compartilhávamos de angústias semelhantes. Entre essas angústias, a incerteza da possibilidade de execução dos nossos projetos de pesquisa foi (e é) algo que ganhou um grande peso e influência nas nossas ações dentro do mestrado (Pereira, 2021).

Este trecho foi retirado de um trabalho que escrevi para a disciplina de Antropologia e Educação que cursei enquanto estava no Mestrado em Antropologia na UFPI. Discorrendo sobre as dificuldades de permanecer na pós-graduação durante a pandemia, meu intuito foi refletir como textos antropológicos serviram de materiais evocativos ao me ajudarem durante o enfrentamento e entendimento das incertezas de viver na pandemia da COVID-19. O período que passei cursando mestrado na UFPI, de 2020-2021, foi difícil — para mim e todas as pessoas que passaram por este período — por inúmeros motivos.

Com o corte de bolsas em vários programas de pós-graduação no Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro, entrei para o mestrado sem nenhuma renda além das geradas pela minha rede familiar, que são suficientes para uma vida com comida sempre na mesa, mas sem excessos. Sendo infectado pela COVID-19 logo em março de 2020 e vivendo com as consequências decorrentes e contingentes a tal doença — confusão mental, pesadelos constantes e crises de ansiedade — a experiência de cursar mestrado foi bem diferente do que eu imaginava. Meu projeto de pesquisa, baseado em um projeto de cinema desenvolvido numa escola pública em Teresina, não poderia mais ser levado adiante; as condições de estudo em casa eram desconfortáveis; e a vida diária além da pós-graduação não foi fácil, principalmente antes da chegada da vacina.

Falo em relações humano-micróbio envoltas na constituição de precariedades porque muito do que aconteceu decorreu da forma como a pandemia e as relações com o vírus SARS-CoV-2, e muitas vezes micróbios no geral, foram tratadas e disseminadas, fazendo da pandemia “um evento múltiplo e desigual” (Segata *et al.*, 2021). Ainda que as formas de gestão da pandemia no Brasil, por meio de governos nacionais, regionais e locais, tenham sido bastante heterogêneas — e apesar da criação de alguns projetos executados pelo governo federal que visaram, minimamente, contornar desigualdades e implementar medidas de proteção social, especialmente a partir do Projeto de Lei 13.982, que possibilitou, por exemplo, a criação do Auxílio Emergencial³ — o presidente Jair Bolsonaro constantemente tornou pública sua posição negacionista diante da pandemia, mesmo quando, em agosto de 2020, o Brasil marcava um número de 100 mil mortos (ver Santana *et al.*, 2021⁴).

Isso enfatizou desigualdades e evidenciou precariedades. Apesar de conseguir me beneficiar do auxílio emergencial e, posteriormente de um projeto desenvolvido na UFPI chamado de Monitoria Emergencial — que visava beneficiar estudantes com renda mínima e treiná-los para auxiliarem professores com questões tecnológicas no ensino remoto —, o próprio formato das aulas e meu ambiente de casa muitas vezes era desfavorável para o aproveitamento dos textos e discussões. Eventualmente, ao decorrer do tempo, com experiência, diálogos e práticas de cuidado entre alunos e professores, fomos adaptando o formato das aulas, prazos, trabalhos. Contudo, muito não dependia de ações locais ou individuais, e em muitos momentos o mestrado parecia perder importância.

Fui muito afetado pelo medo da morte. Medo de perder pessoas queridas. Medo de ver pessoas queridas perdendo pessoas queridas. O que eventualmente aconteceu. Ao passo que eu tentava procurar outro tema de pesquisa, me vi imerso em questionamentos que me direcionaram a uma pesquisa não finalizada que teve como ponto de partida a seguinte questão: “como os alunos do mestrado em antropologia da UFPI estão permanecendo no programa durante a pandemia?” Comecei então a conversar com mais frequência com alunos da pós-graduação, compartilhando nossos medos, afazeres diários e perspectivas de futuro.

No meio disso, me vi entre problemas institucionais a respeito de orientação. Com a mudança de tema senti a necessidade de conversar com outro professor que depois de um tempo fui informado que não poderia me orientar por conta de questões burocráticas. Assim passei para outra pessoa, que de imediato me causou um choque, mas que permaneceu comigo até a minha desistência. Eu não consegui terminar o curso. Estava no último período, escrevendo a dissertação, doente. Durante o curso e a pandemia tentei ao máximo me engajar com a antropologia para buscar explicações; buscar outras formas de olhar para o que estava acontecendo.

Conheci os estudos multiespécie, me apaixonei pelas margens indomáveis de Anna Tsing (2015), e comecei a adentrar-me nessa antropologia com/dos micróbios. Tentei materializar isso a partir da escrita do trabalho de onde saiu o trecho que inicia esta seção. Micróbios estavam (e estão) em todos os cantos e minhas relações com os mesmos dependiam (e dependem) de inúmeras coisas. Às vezes me mostravam indícios de precariedades, por meio das minhas próprias vivências da pandemia; ou como na infestação de mofo que tomava conta de quase todas as paredes da minha casa e que me fazia tossir constantemente enquanto cursava mestrado, visto na figura 1. Mas em muitos momentos também me mostraram muitas possibilidades de vida e criação: quando comecei a experimentar com processos de fermentação, seja de pães ou refrigerantes naturais, vistos na figura 2, 3, e 4.





Figura1: Parede do meu quarto tomado por mofo. Teresina, 17/03/2021. Foto de autoria própria.



Figuras 2, 3 e 4: 2- foto que remete ao processo de feitura do fermento natural para pães, chamado de levain, no qual se faz uma mistura de farinha e água e mantém-se um processo de alimentação de leveduras por meio de mais farinha e água durante 7 dias. Na foto marco o dia 4 do processo. Teresina, 21/05/2020; 3- foto do pão feito com o levain pronto para ir ao forno. Teresina, 16/06/2020. 4- Foto do fermento de gengibre, que feito com um processo similar ao do levain, serve para a produção de refrigerantes naturais. Teresina, 20/07/2021.

Desisti porque não aguentava mais. Mesmo com as aulas enriquecedoras que tive durante o curso, com as conversas quase catárticas com colegas e amigos do programa, e com minha “virada probiótica” (Lorimer, 2020) experimentando com fermentações, eu estava doente. A tosse me deixava cansado; o negacionismo junto do trauma de quando fiquei doente por conta da COVID-19 me deixaram sequelas físicas e mentais; as condições em casa e na família, apesar de muito incentivo para que eu continuasse, não me eram favoráveis. Ficar sentado numa mesma posição durante várias horas por dia me fez desenvolver um problema na coluna que quase todo dinheiro que recebi com o Auxílio Emergencial e Monitoria Emergencial foi gasto com médicos e aulas de pilates. Não

conseguia estudar e nem pensar na pesquisa. Minha sexualidade também foi sempre uma questão. Ficar em casa me fez refletir no quanto de vida eu perdia por inibir-me de pensar (e performar) minha sexualidade por muitas práticas homofóbicas ao meu entorno.

Foi em meados de novembro de 2021, quando uma amiga compartilhou um link informativo da CAPES sobre bolsas de estudo na Hungria, onde muito começou a mudar. De pronto li o edital, encontrei programas de mestrado em antropologia lá e resolvi tentar. Era o que me faltava para decidir desistir do mestrado e do que eu vivia em Teresina. Foi doloroso, até agora enquanto escrevo este parágrafo me pergunto se fui fraco por ter desistido.

Com micróbios e outros mundos: fazendo mestrado em antropologia na Hungria - 2022-2024

Como diz Anna Tsing (2015: 27, tradução minha) “a importância de manter a precariedade em mente é que a mesma nos faz lembrar que mudar de acordo com as circunstâncias é matéria para a sobrevivência”. Após um longo processo seletivo, em setembro de 2022 me mudei para Miskolc, na Hungria, para cursar mestrado em Antropologia Cultural. Só contei a notícia para minha família em agosto de 2022. Com muito choro e pedidos para que eu não fosse, fui e me apoiaram durante toda minha temporada no país.

Lá, prometi a mim mesmo que não fingiria nada a respeito da minha sexualidade. Fui com a intenção de viver e ser deixado levar pelas contingências da vida. Vivi muitas coisas que antes nem faziam parte do meu imaginário. Surgiu também uma aproximação maior com minha família, inclusive com pessoas que, anteriormente, nem me eram próximas. Durante esse tempo sempre recebia mensagens que expressavam uma admiração pela minha “coragem” em ir para o outro lado do mundo e desbravar o desconhecido. Acho que de tanto me envolver com a antropologia e de estar imerso nesses movimentos, por vezes eu esquecia que sou o primeiro da família a entrar na pós-graduação, a falar inglês e ir morar no exterior. Para muitos ali isso nunca foi realidade e nem sonho. Para mim foi uma forma de sobrevivência.

Mas logo minha situação de classe, financeira, me mostrou outras precariedades neste percurso. Fui para a Hungria com uma bolsa de estudos fomentada pelo Stipendium Hungaricum Scholarship. Bolsa — que combina 43.700 Florins mensais para despesas livres e 40.000 Florins para acomodação⁵ — para alunos que estão matriculados em cursos de bacharelado e mestrado na Hungria. Este valor para despesas livres — que usei para a alimentação e necessidades básicas — quando convertido em reais equivale a mais ou menos 700 reais, valor que já era insuficiente para tais atividades desde 2020, como me contavam outros bolsistas. Em 2022, com o conflito entre Ucrânia e Rússia, o preço de tudo subiu por conta da inflação e o que era difícil ficou ainda mais.

Sobrevivi por conta de amigos, professores, bicos, outra bolsa de estudos que fui contemplado quando estava no último semestre do mestrado e, principalmente, com a ajuda da minha família. Lá, de fato, muito foi baseado em práticas de cuidado. Mesmo que o departamento de antropologia seja pequeno e muitas vezes insuficiente para a demanda dos alunos, todo o corpo docente e administrativo foi extremamente sensível à condição de migrante e, muitas vezes economicamente vulnerável, dos estudantes, como no meu caso.

Das inúmeras — já que o tempo todo estamos em, e compostos por, tais emaranhados — relações com micróbios as quais estive envolvido na Hungria, duas se destacam por sua



influência na minha vida e formação em antropologia. A primeira foi com o início do que se tornou minha pesquisa de mestrado: uma investigação que conduzi em Tokaj, região vinícola localizada no Nordeste da Hungria, onde pude tentar entender o processo de feitura de vinhos Tokaji botritizados: vinhos que só podem ser feitos com uvas apodrecidas pelo fungo *Botrytis Cinerea* em seu estado “podridão nobre”.



Figuras 5 e 6: 5- produtor de vinho me mostrando uvas “botritizadas” durante época de colheita. Tokaj, 10/10/2023; 6- vinhos “aszú” (nome dado as uvas e vinhos que passam pelo processo de botritização) em uma adega infestada pelo mofo *Cladosporiumcellare*, responsável por fazer um ambiente ideal para o envelhecimento dos vinhos de Tokaj. Tokaj, 07/10/2023. Fotos tiradas pelo autor.

Comumente, tal fungo é conhecido pela sua forma de “mofo cinzento” e por sua capacidade devastadora de acabar com plantações de diversos frutos e vegetais. No entanto, em Tokaj, Hungria, o fungo, ao enredar-se em outras relações, humanas e outras-que-humanas, possibilita a produção de vinhos singulares que estão na base da cultura Húngara e que sobrevivem às muitas perturbações sociais, culturais, ambientais e econômicas que ocorrem no país desde antes do século XV.

Um dos motivos pelos quais me interessei por tal tema diz respeito ao reconhecimento e ativa participação do fungo *Botrytis Cinerea* em diversos movimentos em Tokaj, e na Hungria. Desde o século XVI a atividade fúngica da “podridão nobre” tem sido usada como justificativa para criação de demarcações de terra, posteriormente na criação de patentes, conceitos, e práticas que colocam o vinho e o fungo como produtos essencialmente parte da nação. Além disso, me interessava perceber a plasticidade fúngica do *Botrytis Cinerea* e suas diferentes formas de acordo com suas afiliações: ambiente, plantas e seus frutos, pessoas e práticas — tudo isso e seus tipos influenciam as “ações” do fungo.

A segunda decorreu-se do desenvolvimento de uma disbiose intestinal — que me ocorreu no início de 2023 e até agora, no momento da escrita deste artigo, me mostra suas consequências. Em janeiro de 2023 comecei a ouvir um barulho e sentir como se bolhas estivessem estourando no meu intestino sempre que me alimentava. Uma semana após isso ter se iniciado passei a ter diarreia diariamente por aproximadamente um ano. Meu ano de 2023, dentro dos esforços para desenvolver a pesquisa e terminar o mestrado, foi permeado

por constantes idas a hospitais, pensamentos depressivos e questionamentos sobre minha decisão de ter ido para a Hungria. O diário de campo que mantive para a feitura da dissertação também serviu para estes desabafos:

Estou aqui em Budapeste. Faz tanto calor, tá difícil fazer qualquer coisa. Me sinto perdido. Continuo doente. Perdi mais de 10 quilos desde o início do ano. Tem sido difícil manter pensamentos positivos quando meu corpo parece estar desmoronando. Ainda por cima, as conexões que preciso criar para desenvolver essa pesquisa não estão acontecendo. As pessoas com as quais tenho conversado não contribuem tanto para o que preciso. Mas continuo querendo falar disso. Falar sobre micróbios, mudança, vinho, porque parece que são as únicas coisas que existem ao meu redor. Micróbios e mudanças. Muitas mudanças (Pereira, diário de campo, Budapeste, 18 de julho de 2023).

Ao passo que eu fazia viagens ao campo, localizado a 50 minutos de Miskolc — cidade onde morei e estudei — também fazia viagens à Budapeste — cidade localizada a quase 3 horas de distância de Miskolc, onde passei por especialistas da gastroenterologia, urologia, nutrição e endocrinologia —, já que em Miskolc minhas passagens por médicos e hospitais foram todas falhas, visto que nenhum dos profissionais que encontrei falavam inglês e eu não falava Húngaro. Perdendo mais de 10 quilos, como menciono no trecho acima, em julho entrei num quadro de desnutrição. Fiz inúmeros exames de sangue, incluindo o de intolerâncias alimentares; exames de imagem, do trato urinário e até uma colonoscopia. A maioria dos exames não apontaram nada grave. Só foi constatado intolerância ao caranguejo. Deu tudo normal na colonoscopia. Contudo, eu continuava a emagrecer e com diarreia diariamente.

43

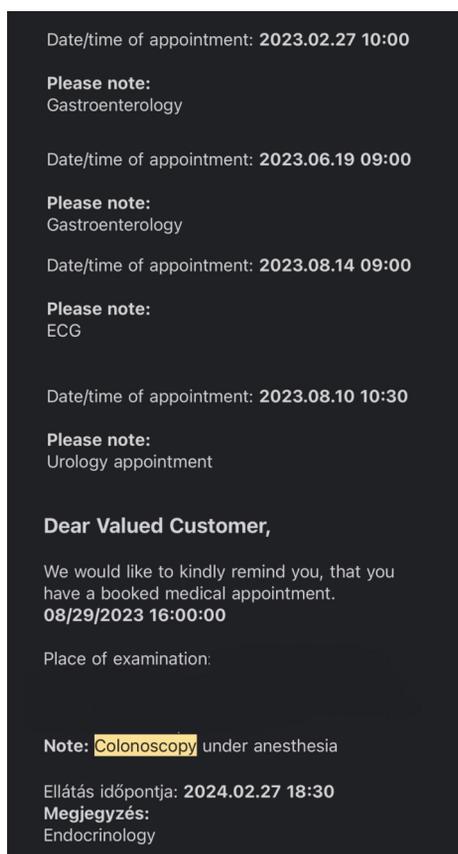


Figura 7: Compilado dos agendamentos para as consultas que fiz ao lidar com a disbiose intestinal.

Tentei vários tipos de dietas e nada parecia funcionar. Passei um tempo comendo arroz branco com filé de frango cozido com gengibre e cenoura porque eram as coisas que menos me causavam desconforto. Fui numa nutricionista e só a partir daí comecei a melhorar lentamente. A mesma me fez um plano alimentar, mostrado na figura 8, com metas a serem atingidas para que eu pudesse retomar meu peso ideal. Na época eu estava pesando 55 quilos e eu precisava, idealmente, chegar a pelo menos 60 quilos. Lembro de estar com 65 quilos quando cheguei na Hungria. Foi difícil manter a dieta restrita e arcar com o valor de tantos suplementos, probiótico e vitaminas. Gastando mais de 1000 reais em remédios e iniciando uma dieta restritiva e cara, o dinheiro da bolsa de estudos era quase ínfimo perto dos gastos. Agradeço a minha avó por ter me ajudado financeiramente durante esse tempo, ajuda que me doía porque significava um corte de gastos com coisas essenciais na sua casa.

Name: Hitalo Richardo Alves Pereira Date: 2023.09.13.

Anamnesis: weight problem, digestive system problems

Body composition analysis:

- Body weight: 55,4 kg
- BMI: 19,5 category: low
- Body fat: 10% category: low
- Muscle: 45,6% category: normal
- Visceral fat: 2 category: low

The result of blood count analysis:

Increased stress factors, high inflammatory factors (W/e, CRP), intestinal flora, absorption is difficult (damaged iron absorption is especially difficult), elevated ferritin level (intestinal system problem), oxygen delivery is not perfect, parasite load is suspected, potassium level is functionally low (sumption of foods with a high potassium content, even on a daily basis, is recommended: sun-dried tomatoes, baby spinach, greener bananas)

Other:
Based on the symptoms, the adrenal glands are also exhausted due to the long-standing stress, so this area is also affected during the therapy.

Dietetic consultation summary:

Since your problems require a complex treatment protocol, it will be a multi-step process to develop both your final/optimal nutrition and the intake of dietary supplements.

First stage: getting to know the list of ingredients, supplemented with targeted amounts, the purpose of which is to start regulating your insulin level (so that you can gain weight) and reducing inflammation, and regenerate your microbiom.

Second stage: support of hormonal processes (for instance testosterone), support of stress management

It is recommended to bring regularity to your meals as much as possible. 3 main meals (breakfast, lunch, dinner) a day are recommended for you and a snack.

It is important to eliminate cow's milk and dairy products (with the exception of certain cheeses and butters), because strongly damage the intestinal flora and increase stress hormones. What's also important is the variety, so that there is no shortage, so for this reason we are left with suggesting a couple of breakfast ideas, lunch ideas, dinner ideas, see if you like 1-1 recipe, but feel free to cook anything just for the basic ingredients (and in the case of carbohydrates, the quantity) pay attention, you can read more about this below.

» Half past 10:00 p.m. it would be good if you could get to bed, because this is a very important aspect for adrenal regeneration (and also for gain weight, since if you sleep enough, certain hormones, e.g. ghrelin, which is responsible for the feeling of hunger and you digestive will be better) so that you can sleep as deeply and undisturbed as possible between 10:30 p.m. and 03:00 a.m. Read or meditate for 20 minutes, so you calm down a bit before bed, and it also helps with stress management, but we also help with stress management with some adaptogenic herbs (e.g. Rhodiola rosea).

After yoga or pilates, it will be recommended to consume vegetable protein. On days when you don't train, vegetable protein is recommended in the evening, after dinner (L:larathontime premium vegan protein with rice milk).

As we said, the primary task now is regenerating your microbiom, but reducing inflammation and stress management also come into play.

Figura 8: Parte do plano nutricional desenvolvido para o tratamento da disbiose intestinal.

Inicialmente me vi dos dois lados do espectro no que concerne percepções comuns sobre micróbios: de um lado, com a pesquisa de mestrado o que me aparecia na superfície eram “práticas probióticas” (Lorimer, 2020) ou “pós-Pasteurianas” (Paxson, 2008), nas quais micróbios, como o caso do fungo *Botrytis Cinerea* e sua vida intercorporal, eram glorificados por possibilitarem a produção do vinho mais famoso da Hungria; e de outro, “práticas antibióticas” (Lorimer, 2020), nas quais se tenta eliminar micróbios de superfícies — como no meu intestino, junto das várias vezes que fui em médicos que me receitaram antibióticos, apenas baseados nos sintomas que eu tentava explicar, sem antes requisitar exames mais específicos ou oferecer outras possibilidades. Contudo, com as vivências e engajamentos com a antropologia, em especial essa antropologia dos/com micróbios, pude perceber que pensar relações mais-que-humanas também me (e nos) exige abertura para não-binariedades.

Na pesquisa para o mestrado pude ver como tais relações de fato mudam de acordo com uma série de situações e condições: temporais, espaciais, econômicas, de classe, gênero, raça. A “podridão nobre” do fungo *Botrytis Cinerea*, apesar de possibilitar a produção de vinhos Tokaji e evidenciar relações humano-micróbio “pós-Pasteurianas” (Paxson, 2008), também me direcionou para precariedades, decorrentes de estruturas de poder, antropocentrismo e práticas de governança presentes nos processos de produção do vinho. Isso se mostrou explícito durante o processo de colheita das uvas botritizadas que, na maioria das vezes, fica refém de trabalhadores informais, idosos, imigrantes, e mulheres, que ganham pouco por um trabalho — cada vez mais escasso, como me confessou uma interlocutora — que exige prática e minúcia, já que as uvas precisam ser identificadas e colhidas uma por uma, por exemplo.

Com a disbiose intestinal também pude me desvencilhar de formas de tratamento estritamente antibióticas, na medida em que fui orientado por uma profissional capaz de perceber os danos de tais remédios, em especial diante dos perigos da resistência antimicrobiana. Um outro ponto desse período foi que uma amiga, que também cursou antropologia junto comigo, desenvolveu sintomas similares aos meus no mesmo período⁶. Isso, apesar de ter sido um infortúnio, também possibilitou a criação de práticas de cuidado mútuo entre mim e ela. Compartilhávamos dores, angústias e pequenas vitórias — como quando sentíamos menos desconfortos intestinais durante o dia após alguma refeição — enquanto tentávamos seguir com as demandas do mestrado. Com a ajuda da antropologia, também refletimos sobre nossas condições econômicas, mentais e físicas enquanto vivíamos com a disbiose e fazíamos mestrado. Algo que, inclusive, transformamos num pequeno filme etnográfico como tarefa final para uma disciplina de antropologia visual.

Conclusão

Incluindo pessoas e populações em condições vulneráveis, nas quais há falta de suporte social e econômico, especialmente por parte de inadimplências estatais ao não oferecerem meios para a minimização de tais condições (Butler, 2009) precariedades se configuram em diferentes espaços, tempos e interseções. Como apontam Vinicius Kauê Ferreira e Georgeta Stoica (2022: 1, *tradução minha*), “precariedade parece ter adquirido um terreno semântico comum na antropologia para descrever formas de existência inseguras e



sem saída (...) [tornando-se] uma ferramenta conceitual que traduz a substancialização de um *geist* neoliberal”.

O que tentei articular neste artigo situa-se dentro dessa “ordem sócio-econômico-política chamada ‘neoliberalismo’ (Ortner, 2016: 48-49), na medida em que expõe contingências de desigualdades, estruturas de poder e opressões, advindas de processos de governança dentro do capitalismo. Apesar disso, o que tentei aqui não foi fazer uma “antropologia sombria” (Ortner, 2016), mas sim apontar possibilidades dentro de tais contextos.

Percorrendo meu processo de formação em antropologia — e vida — em dois países e programas de pós-graduação, entre 2020 e 2024, tentei investigar relações entre precariedades, educação em antropologia e relações humano-micróbio. Utilizei, majoritariamente, minhas próprias vivências com outros-que-humanos para refletir sobre possibilidades que considerem tais configurações, mas que possam ir ao entorno e adiante. Tentei prestar atenção a essa antropologia que também é, como diz Tim Ingold (2016: 408),

uma busca pela educação no sentido original do termo, diferente do sentido que ele veio a adquirir ao ser assimilado na instituição da escola. Derivada do latim *educere* (de *ex*, “fora”, mais *ducere*, “levar para”), a educação consistia em levar os noviços para fora, para o mundo, e não, como se entende hoje, instilar conhecimento dentro das suas mentes. Ao invés de se fixar numa posição ou propiciar uma perspectiva, a educação nesse sentido provoca um deslocamento de qualquer ponto de vista – de qualquer posição ou perspectiva que se possa adotar.

O uso de uma antropologia dos/com micróbios, ainda que antropocêntrico — pois em certa medida também me fez ver micróbios como “tokens de possibilidade” (Paxson; Helmreich, 2014) — foi de extrema importância para meus entendimentos de mundo(s) e antropologia(s). Apartir de teorias e experiências, pude, em algumas circunstâncias, não me deixar levar por visões e práticas essencialistas e binárias, entendendo micróbios como “múltiplos, abundantes e dinâmicos, e relações humano-micróbio como igualmente complexas” (The Kilpisjärvi Collective, 2021: 35). Espero ter expresso isso ao decorrer do texto.

Ainda assim, o que propus aqui foi um experimento. Os estudos multiespécie e a multifacetagem microbiana apontam também para investigações e reflexões mais densas a respeito de categorias como “humano”, “micróbio”, “mundos” e sobre o próprio conceito de “etnografia” (Kirksey; Helmreich, 2010; Brives; Zimmer, 2021), que não se encontram neste trabalho por exigirem mais estudos e experiência. Utilizei a ‘etnografia’ junto do prefixo ‘auto’ para tentar centralizar uma reflexividade, ou prática reflexiva, que normalmente se restringe ao trabalho de campo. Trabalho este que — nos meus entendimentos sobre a prática ‘etnográfica’, apesar de gerarem importantes implicações na investigação, no trabalho final e em movimentos na teoria e prática antropológica — desde muito se distancia do ambiente educacional e formativo de quem pesquisa porque o interlocutor é sempre o outro, que não é antropológo, mesmo quando o problema seja mais abrangente.

Neste rumo, utilizo a autoetnografia para situar-me integralmente nos problemas e experiências, evidenciando suas influências no meu processo formativo em antropologia, e mostrando-o sempre em relação com outros. E para que produza também, de alguma forma, uma continuidade cultural entre o que foi fruto do meu trabalho, enquanto pesquisador e pesquisado, e os relatos e experiências de pessoas que estiveram em situações e em relações similares as minhas. Algo próximo do que Marilyn Strathern ([1987] 2017) chama de

autoantropologia: um tipo de investigação antropológica feita no mesmo contexto de quem a produziu. Outrossim, questões a respeito do que é “auto” ou “etno” e suas interseções merecem um debate metodológico específico e mais aprofundado, coisa não central neste texto, mas que se configurará em estudos futuros.

Enfatizo também que, como micróbios, a vida e o período do recorte temporal abordado aqui — no qual vivi o mestrado e a pandemia no Brasil; e o mestrado, a disbiose e a pesquisa sobre o vinho Tokaji na Hungria — foram múltiplos, complexos, abundantes e dinâmicos. Dentro de instituições existem pessoas, ações e projetos que tentam minimizar desigualdades e decorrentes vulnerabilidades. Apesar de infortúnios, tive muitos momentos felizes durante a pandemia e na Hungria. Em especial na Hungria, mesmo com pouca condição financeira, usufruí do direito as cidades do país — me enveredando em longas caminhadas, utilizando seu ótimo sistema de transporte público, quando comparado à inexistência do mesmo em Teresina; e refletindo sobre muito do que abordei aqui, ao lado de amigos e, muitas vezes, com muito desconforto intestinal. Sem fim e no movimento, finalizo este artigo afirmando que entre mundos, precariedades e micróbios sinto que tenho me tornado antropólogo.

Notas

1 Região vinícola localizada no Nordeste da Hungria.

2 Microbiólogo conhecido por suas descobertas no entorno de micróbios, em específico a teoria dos germes, práticas de esterilização e vacinação.

47

3 Criado em abril de 2020 e durando até 31 de outubro de 2021, visava fornecer “renda mínima aos brasileiros em situação vulnerável durante a pandemia” (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2021). Destinava-se a maiores de 18 anos que estivessem em trabalhos informais; fazendo parte do Cadastro Único; fossem microempreendedores individuais, ou parte do Bolsa Família. Em 2020, o auxílio contou com cinco parcelas de 600 reais ou 1,2 mil para mães de família, 4 parcelas de 300 ou 600, até 31 de dezembro de 2020 e, por fim, termina com parcelas que variavam entre 150 e 375, dependendo do perfil (Serviços e Informações do Brasil, 2021). Ver mais sobre as contingências do Auxílio em (Martins, 2021).

4 No capítulo “Pandemia, Negacionismo e Crise no Governo Bolsonaro” as autoras Luciana Santana, Olívia Cristina Perez junto de Emerson Oliveira do Nascimento, compilam várias falas do presidente Jair Bolsonaro, ao longo de 2020, que demonstram seu posicionamento negacionista em relação a pandemia do Covid-19 e alguns dos desdobramentos de tais atitudes.

5 Se o aluno escolher morar nos dormitórios da universidade, o valor é debitado mensalmente.

6 Não conseguimos identificar o que causou isso em nossos corpos, apesar de sempre nos questionarmos sobre a procedência da água distribuída nos dormitórios. Desde que chegamos na Hungria, fomos informados de que a água que saía dos canos era potável e, por isso, não precisávamos filtrá-la. Ainda que amigos e médicos tenham mencionado a possibilidade de isso ter contribuído para a disbiose, não há provas concretas para tal.



Referências

Auxílio Emergencial. Disponível em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/servicos/auxilio-emergencial>>. Acesso em: 9 de julho. 2024.

Anderson, Leon; Glass-Coffin, Bonnie. I Learn by Going: Autoethnographic Modes of Inquiry. In: Jones, Stacy Holman; Adams, Tony E.; Ellis, Carolyn (eds). *Handbook of Autoethnography*. New York: Routledge, 2016; 57-83.

Benezra, Amber.; Destefano, Joseph; Gordon, Jeffrey. I. "Anthropology of microbes". *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 109, n. 17, p. 6378–6381, 2012. <https://doi.org/10.1073/pnas.1200515109>.

Benezra, Amber. *Gut Anthro: An Experiment in Thinking with Microbes*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2023.

Bradshaw, Aaron. "Can Microbes Be Active Participants in Research? Developing a Methodology for Collaborating with Plastic-Eating Microbes". *Environmental Humanities*, v. 14, n. 2; 284–302, 2022.

Brives, Charlotte; Rest, Matthäus; Sariola, Salla(eds.). *With Microbes*. Manchester: Mattering Press, 2021

Brives, Charlotte.; Zimmer, Alexis. "Ecologies and promises of the microbial turn". *Revue D'anthropologie Des Connaissances*, v. 15, n. 3; 1-20, 2021. <https://doi.org/10.4000/rac.25068>.

Bochner, Arthur P. Putting Meanings Into Motion: Autoethnography's Existential Calling. In. Bochner, Arthur P. *Handbook of Autoethnography*. New York: Routledge, 2016; 50-56.

Bubandt, Nils." Anthropocene Uncanny: Nonsecular Approaches to Environmental Change". In. Bubandt, Nils. *A Non-secular Anthropocene: Spirits, Specters and Other Nonhumans in a Time of Environmental Change*. Denmark: AURA Working Papers Volume 3, 2018. p. 2-18.

Butler, Judith. "Performativity, Precarity and Sexual Politics". *Revista de Antropologia Iberoamericana*, v. 4, n. 3, p. i-xiii, 2009.

De La Cadena, Marisol.; Blaser, Mario. *A World of Many Worlds*. Duke University Press, 2018.

Ferreira, Vinicius. Kauê; Stoica, "Georgeta. Precarity in Global Anthropology: Reflexions on the margins of the Global Survey of Anthropological Practice". *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 19, p. 1-14, 2022.

Hendy, Jessica.; Rest, Matthäus.; Aldenderfer, Mark.; Warinner, Christina. "Cultures of

Fermentation: Living with Microbes". *Current Anthropology*, v. 62, n. S24, p. S197–S206, 2021. <https://doi.org/10.1086/715476>.

Ingold, Tim. "Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia". *Educação* (Porto Alegre), v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

Latour, Bruno. *The Pasteurization of France*. Harvard University Press, 1993.

Lawlor, Leonard.; Nale, John. (org.). "Biopolitics". In: *The Cambridge Foucault Lexicon*. Cambridge University Press, 2014. p. 37-43.

Lorimer, Jamie. Probiotic Environmentalities: Rewilding with Wolves and Worms. *Theory, Culture & Society*, v. 34, n. 4, p. 27–48, 2017. <https://doi.org/10.1177/0263276417695866>.

Lorimer, Jamie. *The Probiotic Planet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020.

Margulis, Lynn.; Sagan, Dorion. *What Is Life?* Los Angeles: University of California Press, 2000.

Marins, Mani Tebet; Rodrigues, Mariana Nogueira; da Silva, Jéssica Maldonado Lago; da Silva, Karen Cristina Martins. "Auxílio Emergencial em tempos de pandemia". *Sociedade e Estado*, v. 36, p. 669–692, 2021.

49

Myles, Colleen. C. (Ed.). *Fermented Landscapes: Lively Processes of Socio-environmental Transformation*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2020. <https://doi.org/10.2307/j.ctvwh8f20>.

Ortner, Sherry. B. "Dark anthropology and its others." *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 6, n. 1, p. 47–73, 2016.

Paxson, Heather.; Helmreich, Stefan. "The perils and promises of microbial abundance: Novel natures and model ecosystems, from artisanal cheese to alien seas". *Social Studies of Science*, v. 44, n. 2, p. 165–193, 2013. <https://doi.org/10.1177/0306312713505003>.

Paxson, Heather. "Post-Pasteurian Cultures: The Microbiopolitics of Raw-Milk Cheese in the United States". *Cultural Anthropology*, v. 23, n. 1, p. 15–47, 2008. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1360.2008.00002.x>.

Peirano, Mariza. "Etnografia não é método". *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 42, p. 377–391, 2014. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>.

Pollan, Michael. *Cooked: A Natural History of Transformation*. New York: Penguin, 2013

Rich, Adrienne. *On Lies, Secrets, and Silence*. New York: W. W. Norton & Company, 1995.



Salazar, Juan Francisco. "Microbial Geographies at the Extremes of Life". *Environmental Humanities*, v. 9, n. 2, p. 398–417, 2017. <https://doi.org/10.1215/22011919-4215361>.

Santana, Luciana; Perez, Olívia Cristina; Nascimento, Emerson Oliveira do. "Pandemia, negacionismo e crise no governo Bolsonaro". In: Santana, Luciana; Nascimento, Emerson Oliveira do (org.). *Governos e o Enfrentamento da Pandemia de Covid-19*. Maceió: Edufal, 2021. p. 10-23.

Segata, Jean.; Schuch, Patrice.; Damo, ArleiSander; Víctora, Ceres. "A Covid-19 e suas múltiplas pandemias". *Horizontes Antropológicos*, v. 27, n. 59, p. 7–25, 2021.

Strathern, Marilyn. "Os limites da autoantropologia". In. Strathern, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p. 143-169

The Kilpisjärvi Collective. "Introducing With Microbes: From witnessing to withnessing". In. Brives, Charlotte; Rest, Matthäus; Sariola, Salla(eds.) *With Microbes*. Manchester: Mattering Press, 2021, p. 17-40.